

FRACTALIDADE E ESPIRALIDADE: ressonâncias afrodiaspóricas para uma cosmopoética da não-linearidade

Amanda Racielle Silva Correia (UNILA)¹,
amanda.racielle@alu.ufc.br

RESUMO

Este trabalho propõe uma articulação entre a *fractalidade* em Denise Ferreira da Silva e os conceitos de *espiralidade* e *encruzilhada* em Leda Maria Martins, situando ambas no interior de uma longa tradição afrodiaspórica, transatlântica e heterogênea do pensamento crítico e social de mulheres negras. O *pensamento fractal* ou *pensamento composicional* (Fractal Thinking) de Denise Ferreira da Silva fornece a ontologia da não-linearidade, da copresença e da repetição em escala; enquanto o *tempo espiralar* e a *encruzilhada* de Leda Maria Martins fornecem a gramática cosmopoética, performativa e afrodiaspórica de vínculo com o real. Tais compreensões desmontam a narrativa moderna de progresso, substituindo-a por uma concepção de tempo e mundo como campo de reinscrições contínuas do conhecimento e das possibilidades.

Palavras-chave: Encruzilhada. Pensamento Fractal. Pensamento Negro Feminino. Tempo Espiralar.

1 INTRODUÇÃO

A forma do tempo linear, da causalidade sequencial/progressiva e do poder hierárquico operam e sustentam a estrutura das arquiteturas jurídicas, políticas e epistêmicas que organizam o mundo moderno-ocidental (DA SILVA, 2009). Nessa conjuntura, o *tempo* aparece como sucessão irreversível; isto é, o passado surge como algo superado; o presente funda-se como o princípio da necessidade; e o futuro torna-se horizonte de redenção ou aperfeiçoamento. Contra essa matriz, emergem, no pensamento crítico contemporâneo afrodiaspórico, sobretudo de mulheres negras, compreensões que não apenas criticam tal regime, mas propõem radicalmente outras dimensões de tempo, de relação e de existência.

Dentre essas proposições, tais autoras não apenas denunciam exclusões ou assimetrias dentro do projeto colonial atual, mas também questionam os próprios fundamentos desse modo de compreensão/existência, ou seja, a própria forma como o mundo, o tempo e a história são

¹ Mestra em Integração Latino-Americana pelo Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (Área CAPES: Ciência Política e Relações Internacionais) da UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8469864649522973>.

concebidos.

A hipótese que orienta este trabalho é que a fractalidade e a espiralidade atuam como operadores conceituais de cosmopoética da não-linearidade, na qual surge a denúncia de que a violência colonial e racial não aparece como desvio da história, mas como elemento estrutural de sua organização. A interlocução sugerida entre ambas as autoras vem do questionamento ético por encontrar uma sustentação que não nos reduza (pessoas submetidas à racialização) em objeto passivo de pesquisa científica ou objeto passível de suspensão da vida por meio do encarceramento, da indigência, do deslocamento forçado ou mesmo da morte sem que isso altere o campo da normalidade. E ao transitar ao lado dessas autoras escolho não caber nas formas de violência que continuam se apresentando como naturais.

2 METODOLOGIA

Leda Maria Martins e Denise Ferreira da Silva não são casos isolados da teoria contemporânea. Elas condensam e se apresentam filosoficamente numa tradição muito mais longa, transatlântica e profundamente heterogênea de pensamento negro feminino, que inclui, entre outras, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Hortense Spillers, Sylvia Wynter, Saidiya Hartman, etc. O pensamento dessas mulheres, além de se apresentarem como teorias, se apresentam também por narrativas, ensaios, autobiografia, performance, canto, ritual e fabulação crítica.

A metodologia adotada neste trabalho é de natureza teórico-conceitual e consiste em uma leitura imanente e comparativa de textos centrais de Denise Ferreira da Silva e Leda Maria Martins, em diálogo com essa tradição mais ampla do pensamento negro feminino da diáspora, na qual se inscrevem autoras do pensamento negro contemporâneo.

O procedimento não é o de aplicar conceitos a um objeto empírico externo, mas o de construir uma ressonância conceitual entre diferentes regimes de pensamento, observando como cada autora desloca as categorias modernas de tempo, causalidade, história e sujeito. Utiliza-se, ainda, de modo deliberadamente não cientificista, figuras-limite da física contemporânea, como horizonte de eventos² e singularidade, enquanto operadores conceituais

² Termo emprestado da física, em especial da relatividade geral. *Horizonte de eventos* se refere ao limite teórico de “não retorno” ao redor de um buraco negro. Quando um corpo hipotético atravessa esse horizonte ou essa fronteira, ele é “tragado” pelas marés de curvatura do espaço-tempo, caindo assim, num campo gravitacional extremamente denso, que o leva em direção ao ponto central (a *singularidade*). Uma vez atravessada essa fronteira é impossível a trajetória de retorno, ou seja, não se pode nadar contra essa corrente devido à imensa força gravitacional.

para pensar os limites internos da inteligibilidade moderna, e não como explicações científicas do real.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Leda Maria Martins – artista, dramaturga, ensaísta e pesquisadora brasileira – ao propor seu conceito de *tempo espiralar*, a partir das cosmologias africanas e afrodiaspóricas, se opõe diretamente ao tempo tradicionalmente newtoniano. Para a autora a temporalidade não é indiferente às variedades qualitativas da experiência ou uma simples unidade de medida neutra. O *tempo*, em Martins, é algo que se sustenta enquanto acontecimento; uma memória ativa que é inscrita no corpo e reaparece, infinita e concomitantemente, como *força* atual, ritual e performática.

Denise Ferreira da Silva – filósofa, socióloga e artista brasileira – seguindo um projeto ressonante ao de Martins, apresenta outra compreensão de tempo em que sugere a própria supressão desta categoria *per se*. Ao propor a *fractalidade* do pensamento, Ferreira da Silva desmonta a ideia de que existem unidades ontologicamente separáveis (e, portanto, encerradas) da existência. Ou seja, se não há separabilidade, logo não há sujeito, não há concepção de tempo, história ou conhecimento neutros; pois tudo no mundo acontece na relação, ou, nas palavras da autora, na *implicação*.

Essas elaborações permitem compreender a violência colonial e racial não como anomalia histórica, mas como elemento estrutural de um mundo organizado pela separação, pela hierarquização e pela administração diferencial da vida e da morte. Trata-se de afirmar que a modernidade funciona precisamente por meio da produção e da gestão de suas próprias fraturas e zonas de exclusão ontológica.

A mobilização das figuras do *horizonte de eventos* e da *singularidade* permitem pensar esses limites internos da modernidade como pontos em que suas categorias deixam de operar de modo estável. Nesse sentido, a encruzilhada e o tempo espiralar não designam alternativas externas ao mundo moderno, mas modos de existir e de reinscrever a vida a partir de seus próprios limites. O pensamento fractal, por sua vez, fornece a gramática dessa não-linearidade, na qual a história deixa de ser sucessão progressiva e passa a ser campo de iterações, retornos e variações diferenciais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de fractalidade e a de espiralidade não designam dois princípios independentes, mas complementares. A primeira impede que o mundo seja pensado como soma de partes, a segunda impede que o tempo seja pensado como linha. Juntas, elas permitem conceber uma coexistência e transformação, pois o real é fractal em sua consistência e espiralar em seu modo de acontecer.

O recurso às figuras-limite da física (o horizonte de eventos e a singularidade) não teve a função de importar um vocabulário científico, mas de operar conceitualmente o pensamento do *limite*, o ponto em que um regime de descrição encontra sua própria impossibilidade interna. Traduzindo, a tradição de pensamento de mulheres negras performa a partir de um horizonte de eventos, algo que não opera dentro dos regimes plenos da inteligibilidade moderna, mas desde as suas falhas, onde as categorias de sujeito, história, tempo e mundo já não funcionam de modo estável. A potência dessas autoras é, justamente, que elas deslocam o lugar da teoria e do próprio estatuto das categorias.

Mulheres negras ocupam a posição histórica de reprodutoras de vida em condições de morte social, de transmissoras de uma memória sem arquivo e de sustentadoras de uma continuidade sem garantias institucionais. Então a escrita delas não pode contar uma história linear, nem construir um sistema fechado, nem pressupor uma totalidade reconciliada. Desse modo, elas trabalham com iteração, retorno, eco, sobrevivência, variação. Isso é pensamento fractal, tempo espiralar e encruzilhada como dispositivo de escape da violência e encerramento em um campo de existência e sentido condicionados ao colapso contínuo.

REFERÊNCIAS

- DA SILVA, Denise Ferreira. *A Dívida Impagável*. Forma Certa Edições, 2019.
- _____, Denise Ferreira. *Pensamento fractal*. Plural: Revista de Ciências Sociais, v. 27, n. 1, p. 206-214, 2020.
- EINSTEIN, Albert. *A Teoria da Relatividade Especial e Geral*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- GUERRA, A. T. S. *Origens e evolução das ideias da Física*. São Paulo: Livraria da Física, 2011.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Bazar do Tempo, 2021.

HAWKING, Stephen. *Uma Breve História do Tempo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

MARTINS, Leda Maria. *A cena em sombras*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

_____, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Editora Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento: quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: Filhos da África, 2018.

SPILLERS, Hortense J. *Mama's Baby, Papa's Maybe: An American Grammar Book*. *Diacritics*, v. 17, n. 2, p. 64–81, 1987.

WYNTER, Sylvia. *The Re-enchantment of Humanism: An Interview with Sylvia Wynter*. New York: Duke University Press, 2000.